

DISCUSSÕES SOBRE O SUPOSTO PLATONISMO FREGEANO¹

DISCUSSIONS ON SUPPOSED FREGEAN PLATONISM

Karen Giovana Videla da Cunha Naidon

Universidade Federal de Santa Maria – RS

karengvidela@yahoo.com.br

Resumo: A questão de saber se Frege sustentou ou não o realismo platônico com respeito aos pensamentos tem sido amplamente discutida na literatura secundária. Segundo a interpretação padrão, cunhada por Dummett e seguida por Burge, teria ele mantido tal posição metafísica; contudo, outros autores, como Sluga, Ricketts, Weiner e Carl, propõem revisão ao modo tradicional de interpretar sua filosofia e alegam dever sua lógica ser entendida como um sistema ontologicamente neutro. Diante dessa celeuma, o presente trabalho objetiva expor duas das linhas de discussão existentes entre interpretação padrão e revisionista, a saber, a que ocorre entre Burge e Weiner e a que se dá entre Sluga e Dummett. A primeira dessas linhas de discussão tem como uma de suas questões principais saber se as declarações de Frege em que parece atribuir existência autônoma a pensamentos exerceriam papel teórico ou simplesmente elucidatório em sua filosofia. A segunda linha de debate a ser abordada possui como ponto central a interpretação das noções de objetividade e *wirklichkeit* nos escritos fregeanos. A conclusão obtida é que deve ser considerada a necessidade de uma leitura mais detida das declarações de Frege que conduziram à sua interpretação como um realista platônico, visto que se trata, como pode ser inferido das divergências existentes, de questão que ainda suscita discussões.

Palavras-chave: Frege. Platonismo. Pensamento.

Abstract: *The question whether Frege did support or not the platonic realism with respect to the thoughts has been widely discussed in the secondary literature. According to the standard interpretation that was invented by Dummett and followed by Burge, he there would be held such a metaphysical position; however, others writers like Sluga, Ricketts, Weiner and Carl suggest a review to the usual way to interpret his philosophy and they assign that his logic must be as a system ontologically neutral. In front of this noise, this paper intend to expose two existing lines of discussion between the standard interpretation and the revisionist one, namely, that which occurs between Burge and Weiner and that which occurs between Sluga and Dummett. The first of these lines of discussion has as one of its main questions to know whether the declarations of Frege, where he seems to attach autonomous existence to the thoughts, exert a theoretical or simply elucidatory role in his philosophy. The second line of discussion has as a central point the interpretation of the notions of objectivity and “wirklichkeit” in the fregean writings. The conclusion obtained is that we must to consider the need for a reading more detained of the Frege’s declarations that led to his interpretation as a platonic realistic, because that is, as can be inferred from the exiting divergences, a question that still raises discussions.*

Keywords: Frege. Platonism. Thought.

* * *

Introdução

A questão de saber se Frege sustentou ou não o realismo platônico com respeito aos pensamentos tem sido amplamente discutida na literatura secundária. Segundo a interpretação padrão, cunhada por Dummett e seguida por Burge, teria ele mantido tal posição metafísica; contudo, outros autores, como Sluga, Ricketts, Weiner e Carl, propõem revisão ao modo

¹ A pesquisa na qual está inserido o presente trabalho conta com o apoio financeiro do CNPq.

tradicional de interpretar sua filosofia e alegam dever sua lógica ser entendida como um sistema ontologicamente neutro.

Diante dessa celeuma, o presente trabalho objetiva expor duas das linhas de discussão existentes entre interpretação padrão e revisionista, a saber, a que ocorre entre Burge e Weiner — constante em “Frege on Knowing the Third Realm” de Burge e “Realism *bei* Frege: Reply to Burge” e “Burge’s Literal Interpretation of Frege” de Weiner — e a que se dá entre Sluga e Dummett — tendo como base os artigos “Frege as a Rationalist” e “Frege and the Rise of Analytical Philosophy” de Sluga e “Objectivity and Reality in Lotze and Frege” de Dummett.

O trabalho será dividido, portanto, em três partes principais: na primeira, será realizada uma breve recapitulação das declarações fregeanas que, a princípio, poderiam constituir estrutura de seu suposto platonismo; na segunda parte, será apresentada a discussão existente entre Burge e Weiner e, na terceira, a que ocorre entre Dummett e Sluga.

1. Possível estrutura do suposto platonismo fregeano

As declarações fregeanas de maior relevância para a presente discussão encontram-se em “O Pensamento” e no prólogo às “Leis Básicas da Aritmética”, nos quais procede uma forte crítica à semântica psicologista, bem como apresenta sua própria concepção.

Em linhas gerais, uma semântica psicologista pode ser caracterizada, para os fins deste trabalho, como aquela que identifica os sentidos expressos por sentenças — chamados por Frege de “pensamentos” — a representações mentais. Tal concepção seria errônea na medida em que as representações mentais, enquanto pertencentes ao conteúdo da consciência de um portador, só poderiam ser por este acessadas, mediante introspecção. Em sendo correto o psicologismo, cada indivíduo só teria acesso aos pensamentos de que é portador, não sendo possível a um pensamento, portanto, ser acessado intersubjetivamente. Se assim fosse, seria impossível a um grupo de indivíduos discutir de modo frutífero a verdade ou falsidade de determinado pensamento, visto que tais noções teriam aplicabilidade restrita à consciência de quem é seu portador, não cabendo falar, desse modo, em verdade objetiva; a rigor, esses indivíduos sequer teriam apreendido o pensamento em questão, uma vez que a própria possibilidade da comunicação restaria inviabilizada. (FREGE, 2002, p. 27)

Frege salienta que essa tendência do psicologista em caracterizar sentidos de sentenças como representações mentais deve-se ao fato de reconhecerem apenas dois domínios de coisas: um deles em que elas seriam objetivas e *wirklich* e outro em que não possuiriam nenhuma dessas duas características.

“*Wirklich*” é uma palavra alemã cuja tradução tem suscitado discussão junto à literatura secundária, circunstância esta que será abordada num momento posterior. Não obstante a ausência de maiores esclarecimentos atinentes a essa noção, podemos, por ora, limitar-nos a uma caracterização que Frege fornece, em seu escrito “O Pensamento”, ao que ele chama de “domínio do *wirklich*”. Nesse sentido ele afirma tratar-se de um domínio em que “uma coisa age sobre outra, transformando-a e, por sua vez, experimentando ela própria uma reação que a transforma”. (2002, p. 36)

Tomando por base essa caracterização, pode ser notado que objetos físicos certamente pertenceriam a esse domínio, mas que as representações mentais e os pensamentos não. Como o psicologista só reconhece os dois domínios antes mencionados, ele estaria obrigado a incluir os pensamentos, por não serem *wirklich*, no domínio do que não é objetivo, tal como as representações mentais. Frege, em vez disso, reconhece ainda um terceiro domínio de coisas que, apesar de não serem *wirklich*, seriam objetivas.

Para Frege, portanto, os pensamentos não pertenceriam ao domínio das coisas mentais e tampouco ao das coisas físicas, mas sim a esse terceiro domínio. Além disso, ele caracteriza os pensamentos como imperceptíveis, atemporais², não-espaciais e independentes da existência de qualquer portador. (2002, p. 27).

2. Discussão entre Burge e Weiner

Como anteriormente mencionado, enquanto Burge segue a interpretação padrão de Frege, atribuindo-lhe o realismo platônico, Weiner pertence à corrente interpretativa revisionista, a qual nega tal atribuição.

Segundo Burge, Frege teria sido um platonista com relação a objetos lógicos, funções e pensamentos (1996, p. 349). De um modo geral, uma posição platonista com relação a certo tipo de entidade consistiria, para Burge, na postulação de sua existência não-espacial e atemporal. Ademais, essas entidades seriam consideradas como fundamentais, isto é, não sendo elas de qualquer forma tidas como secundárias. Conforme Burge, as caracterizações que Frege faz estariam perfeitamente coadunadas com a descrição geral da doutrina platonista, dado que ele, além de caracterizar objetos físicos, funções e pensamentos como não-espaciais e atemporais, acentua a independência da natureza e existência deles com respeito a tudo aquilo que ocorre no tempo, o que evidenciaria o *status* fundamental que ele atribui a essas entidades (1996, p. 353).

Burge admite, porém, que muitas das declarações de Frege que conduzem a essa interpretação de seu trabalho poderiam ser mantidas por alguém que não ostenta essa posição metafísica, desde que fossem elas acompanhadas de qualificações que justificassem uma interpretação não-literal das mesmas. Para tanto, poder-se-ia introduzir comentários que limitassem o *status* fundamental que elas parecem atribuir aos entes em questão; ou ainda, sustentá-las como não constituindo reivindicações teóricas ou como desprovidas de significado ontológico (1996, p. 352). Conforme Burge, no entanto, nenhuma dessas providências teria sido tomada por Frege, tendo em vista a ausência de qualquer comentário que atribua *status* secundário às entidades semânticas, bem como o papel teórico que essa doutrina metafísica possui para explicar a objetividade da ciência e da comunicação, como também a universalidade da lógica (1996, p. 353).

Diante das declarações explícitas procedidas por Frege e dada a inexistência de quaisquer qualificações, Burge concluir pela atribuição de uma posição platonista quanto às entidades de que tratam.

Weiner, por outro lado, rejeita essa maneira de interpretar os escritos de Frege, fornecendo, para tanto, duas razões principais.

A primeira delas seria o fato de que a noção de objetividade em Frege estaria intimamente conectada à expressabilidade na linguagem, já que para ele, segundo Weiner, embora o que é objetivo independa do que de fato foi — ou será — expresso na linguagem, depende da possibilidade de que isso ocorra (WEINER, 1995a, p. 364). Na hipótese de correção desta interpretação, Frege teria então introduzido o tipo de comentário exigido por Burge para excluir sua interpretação como um platonista, pelo fato de que, desse modo, restaria afastado o *status* fundamental que um platonista atribuiria às entidades que ele considera existir não-espacialmente e atemporalmente.

² Por vezes, Frege caracteriza os pensamentos, não como atemporais, mas como eternos. Acredito que tal fato, no entanto, não interfira na presente exposição.

A despeito disso, Weiner fornece ainda uma segunda razão para rejeitar a interpretação de Burge, a saber, a falta de caráter teórico das declarações em que Frege parece atribuir existência autônoma a pensamentos, funções e objetos lógicos (1995a, p. 376). De acordo com Weiner, isso seria demonstrado pela própria impossibilidade de expressar tais declarações na notação lógica de Frege. Isso porque, tendo ele elaborado sua notação lógica a fim de substituir a linguagem natural na tarefa de formular teorias científicas, não seria plausível que uma teoria por ele sustentada não pudesse ser formulada nessa linguagem logicamente perfeita. Em vez de teóricas, as declarações de Frege sob comento desempenhariam função meramente elucidativa em sua filosofia, isto é, prestar-se-iam a introduzir o leitor no uso de sua notação e a esclarecer sua concepção de lógica (WEINER, 1995a, p. 376-377).

Em conformidade com Weiner, portanto, Frege teria formulado todos os tipos de qualificação elencados por Burge para justificar a interpretação não-literal que ela confere às declarações fregeanas em questão.

3. Discussão entre Sluga e Dummett

Se, por um lado, Sluga, tal como Weiner, crítica a interpretação de Frege como um platonista, Dummett, por outro, foi precisamente aquele intérprete que a estabeleceu.

A crítica de Sluga (1976) consiste, antes de tudo, na acusação de desconsideração do contexto histórico em que Frege estaria situado, o que teria como conseqüência a má compreensão da posição filosófica por ele assumida.

Conforme Sluga, não seria correto considerar a teoria da objetividade de Frege como uma teoria ontológica; em verdade, ela deveria ser comparada, para sua adequada compreensão, à teoria da objetividade e da validade de Hermann Lotze (SLUGA, 1976, p. 29). Este filósofo, segundo Sluga, teria exercido grande influência sobre o pensamento de Frege e, dentre as doutrinas dos dois autores que seriam passíveis de comparação, estaria a distinção, por ambos traçada, entre a objetividade ou validade dos objetos e sua *Wirklichkeit* (1976, p. 37). O termo '*wirklichkeit*' é traduzido por Sluga como "realidade", sendo esta essencialmente distinta, tanto para Lotze quanto para Frege, da objetividade das coisas. Esta última equivaleria à intersubjetividade, não constituindo, assim, uma noção metafísica. Desse modo, ao dizer que pensamentos são objetivos, Frege não estaria, na interpretação de Sluga, sustentando nenhuma posição realista quanto a eles, mas tão somente atribuindo-lhes intersubjetividade, ou seja, mantendo uma tese epistemológica e não ontológica; até mesmo porque ele próprio já teria afirmado que eles não são *wirklich*, isto é, que não são reais.

Algo a ser ressaltado aqui, porém, reside no fato de Sluga comparar a noção fregeana de objetividade, indistintamente, tanto com a noção de objetividade quanto com a noção de validade de Lotze, como se estas duas últimas noções fossem equivalentes. Tal fato é observado por Dummett, o qual, em grande medida, baseia-se nele ao proceder sua crítica a Sluga.

Conforme Dummett (1991), Lotze teria distinguido objetividade de *wirklichkeit*, entendendo pela primeira a circunstância de algo ser o mesmo para todos, isto é, de ser intersubjetivo; enquanto, pela segunda, teria entendido a existência independente de qualquer sujeito consciente — podendo, dessa forma, ser tal termo apropriadamente traduzido como "realidade". Validade, por seu turno, seria contraposta a ser, ambos constituindo tipos de *wirklichkeit* — realidade. Segundo Dummett, essa contraposição estaria inserida na doutrina da realidade elaborada por Lotze, segundo a qual entidades de diferentes tipos lógicos

possuiriam diferentes tipos de realidade. Sendo assim, a validade seria o tipo de realidade das proposições e dos conteúdos de idéias, enquanto ser seria a das coisas — dos objetos. Diante das características dessa doutrina, validade e ser seriam noções mutuamente excludentes, não podendo, portanto, serem aplicadas à mesma entidade.

Com base na interpretação de Dummett, pode ser dito que, ao comparar a objetividade de Frege, de modo indistinto, com a validade e a objetividade em Lotze, Sluga teria cometido dois erros.

O primeiro deles consistiria em tratar a distinção de Lotze entre objetividade e *wirklichkeit* — ou realidade— como equivalente à distinção por ele traçada entre validade e ser. A inadequação disso seria tornada explícita pelo fato de que a mútua exclusão, que ocorre no último caso, não se dá no primeiro, posto ser possível, para Lotze, que algo seja objetivo e também *wirklich*.

O segundo erro seria a própria comparação de objetividade em Frege com quaisquer dessas duas noções de Lotze, dado que nem validade nem objetividade, como entendidos por este último autor, seriam equiparáveis à noção fregeana de objetividade, ainda que a comparação não tivesse sido realizada da maneira indistinta e imprecisa como fez Sluga. Isso ocorreria, no que concerne à noção de validade, por Frege não considerar objetividade e *wirklichkeit* como mutuamente excludentes, ao contrário do que ocorre com validade e ser na filosofia de Lotze. Quanto à noção de objetividade em Lotze, não seria correto equiparar ela à de Frege, visto que, para este, ela não estaria restrita à mera intersubjetividade, mas abarcaria ainda a existência independente de qualquer sujeito consciente. Aquilo que Frege entende por objetividade corresponderia, antes, ao que Lotze chama de “*wirklichkeit*”, e não à sua noção de objetividade, como sustenta Sluga.

Cumprido notar, neste ponto, que, ao efetuar sua comparação entre Lotze e Frege, Sluga impôs que o termo “*wirklich*” utilizado por Frege fosse traduzido por “real”, tal como é feito nos escritos de Lotze. Contra isso, Dummett argumenta que, não obstante a utilização do mesmo termo, os dois filósofos teriam em vista noções muito diferentes. Enquanto para Lotze seria correto traduzir o termo por “real”; para Frege, o mais apropriado seria entendê-lo como significando “causalmente efetivo”. Assim sendo, quando Frege afirma que pensamentos não são *wirklich*, não estaria ele, como Sluga deseja inculcar, negando que eles sejam reais, mas simplesmente sustentando que eles não exercem efeito sobre as outras coisas, isto é, que não são causalmente efetivos.

Considerações finais

Após a apresentação dessas duas linhas de debate, cumpre tecer breves comentários acerca do que até então foi dito.

Com relação às razões aduzidas por Weiner, vale ressaltar que, em virtude da discussão existente no que tange à noção de objetividade em Frege, a correção de sua interpretação a ela conferida parece poder, a princípio, ser questionada. Todavia, ainda assim permaneceria a questão da impossibilidade de formulação, na notação lógica de Frege, das doutrinas metafísicas a ele atribuídas e de em que medida dita impossibilidade teria necessariamente como consequência a exclusão do caráter teórico das mesmas. Diante disso, a questão central do debate entre Burge e Weiner parece residir em saber se as declarações em que Frege parece atribuir existência autônoma a entidades semânticas possuem caráter teórico ou meramente elucidatório em sua filosofia. Com efeito, a resposta a essa questão poderia ser decisiva à discussão.

No que atine ao debate entre Dummett e Sluga, por outro lado, pode ser reconhecido que a comparação da noção de objetividade em Frege com a de validade em Lotze parece ter sido afastada pela argumentação de Dummett, afastamento este que parece ser menos evidente com respeito à comparação com o conceito de objetividade de Lotze. Apesar disso, restaria ainda a questão da correta interpretação do termo alemão “*wirklich*”, cuja solução poderia auxiliar no esclarecimento do próprio conceito fregeano de objetividade, de modo a determinar com maior precisão se caberia ou não compará-lo ao conceito de objetividade de Lotze.

Em vista do exposto, tem-se de considerar a necessidade de uma leitura mais detida das declarações de Frege que tradicionalmente conduziram à sua interpretação como um realista platônico, visto que se trata, como pode ser inferido das divergências existentes, de questão que ainda suscita discussões.

* * *

Bibliografia

- BURGE, Tyler. *Frege on Knowing the Third Realm*, In: Schirn, M. (Org.) *Frege: Importance and Legacy*, Berlin: de Gruyter, 1996. p. 347-368.
- DUMMETT, Michael. *Objectivity and Reality in Lotze and Frege*, In: *Frege and Other Philosophers*, Oxford: Oxford University Press, 1991. p. 97-125.
- FREGE, Gottlob. *O Pensamento: Uma Investigação Lógica*. In: G. Frege, *Investigações Lógicas*, Porto Alegre: Edipucrs, 2002.
- _____. *Basic Laws of Arithmetic*, ed. by M. Furth, Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1964. Tradução inglesa de Frege 1893.
- SLUGA, Hans. *Frege and the Rise of Analytical Philosophy*, *Inquiry*, n. 18, p. 471-87, 1975.
- _____. *Frege as a rationalist*, In M. Schirn (ed.), *Studies on Frege*. Stuttgart: Problemata, 1976. p. 27-47.
- WEINER, Joan. *Realism bei Frege: Reply to Burge*, *Synthese*, n. 102, p. 363-382, 1995a.
- _____. *Burge's Literal Interpretation of Frege*, *Mind*, n. 104, p. 585-597, 1995b.